

não lhe desculpamos, arrancar as lapides: arrancou a das portas de Moura — a do *flamen Quinto Petronio*; arrancou a que estava nos degraus do altar-mór de Santa Maria — a do tumulo de *Severus*; arrancou a que estava no rua do Esquivel — a do de *Helaerianus*, etc., etc., e com certeza arrancou o *Galeão* da muralha ou da casa da camara.

O *Galeão* foi encontrado ha dias, nos entulhos do depósito das obras publicas d'este districto, na sé, para onde removeram, em tempo, as lapides do museu do bispo, e foi pelo digno director cedido á camara para o seu museu, do qual o Sr. Serra tem sido um dos principaes collaboradores, pelo que mais uma vez lhe damos louvores e applausos».

*

Por obsequio do Sr. Umbelino Palma, que propugna sempre desveladamente pelos progressos da archeologia bejense, póde *O Archeologo Português* publicar aqui uma gravura da referida pedra.

J. L. DE V.

Informações archeologicas colhidas no «Diccionario Geographico» de Cardoso

51. De Arcos (Entre-Douro-e-Minho)

«.....houve nesta Freguesia antigamente hum *castello* chamado de Amorim, de que hoje não ha mais que huma escaça memoria, por alguns confusos vestigios, que ainda hoje existem. Para a parte do Poente ha hum monte a que chamão o Castello da Formiga; e dizem assistirão nelle os Mouros: ainda se vem delle alguns sinaes nas ruinas de varios edificios». (Tomo I, pag. 525.)

52. De Arcos (Beira)

«Está fundado este Lugar na falda de hum monte muito levantado, a que chamão o Crasto:.....» (Tomo I, pag. 527.)

53. De Ardaons (Trás-os-Montes)

«Neste districto ha humas lagoas grandes, que dizem ter sido ruinas no tempo dos Romanos». (Tomo I, pag. 536.)

54. De Arganil (Beira)

«He tradição dos moradores ser fundação dos Romanos, e não ha muitos annos se acharão algumas moedas de ouro, e prata, que provão o intento ha poucos annos, que estava aberta huma cova a que chamavão *da Moura*, a qual penetrava hum monte, e, querendo-se fazer experiencia, se lhe não achou fim para onde caminhar, e ainda hoje permanecem outras covas semelhantes junto a S. Pedro de Fiques». (Tomo I, pag. 555).

55. De Argozello (Trás-os-Montes)

«Perto deste povo se acha hum alto cabeça com mostras de fortaleza, e dizem fora *Castello dos Mouros*, e em partes tem ainda parede de doze palmos». (Tomo I, pag. 561).

56. De Arnadello (Trás-os-Montes)

« em que ha vestigios de castello de fabrica muito antiga». (Tomo I, pag. 568).

57. De Arnoya (Entre-Douro-e-Minho)

« Ha nesta Freguesia, sobre hum alto monte, hum *castello*, cuja muralha, pela grande antiguidade, se acha com alguma ruina». (Tomo I, pags. 576 e 577).

58. De Arrabida (Estremadura)

« o Monte Fermosinho, que fica quasi sobranceiro ao Convento dos Padres Arrabidos, de que logo fallaremos, no qual se tem descoberto em diversos tempos algumas ruinas, de que inferem alguns haver ali hum templo consagrado ao Deos Apollo. Outro templo, dedicado a Neptuno, houve na vertente da mesma serra, onde hoje se vê a fortaleza de Outão; porque, resolvendo o Senhor Rey D. João IV, por concelho de Mathias de Albuquerque, Conde de Alegrete, se accrescentassem novas obras aquella fortaleza, abrindo-se os alicesses para os baluartes de terra, se acharão hum pedaço de huma estatua de marmore com alguns versos em louvor de Neptuno. Huma estatua do mesmo Neptuno de metal entre as ruínas de hum edificio, que mostrava ser templo da mesma divindade, entre as quaes havia arquivres, pedaços de columnas de marmore fino com suas

bazes, e algumas pedras com inscripçoens Latinas, em que se dava aquelle sitio o nome de Promontorio de Neptuno (?). . . . » (Tomo I, pag. 585).

59. De Atalaya (Beira)

« E para o Nascente, em hum grande oiteiro, se vêem vestígios de uma fortaleza ou castello, que fica desta banda muito levantada, e despenhada sobre a ribeira de Celorico, que de Norte a Sul a vay rodeando ». (Tomo I, pag. 653).

60. De Atei ou Atrim (Trás-os-Montes)

« Junto deste (monte) está outro chamado dos Palhaços, para a parte do Nascente, no qual se achão vestígios de grandes edificios, que dizem ser dos Mouros, ou Romanos; e nestas ruinas está huma cava estreita na boca, e tapada com pedras, pela qual se entra em huma estrada falsa, que corre pela imminecia do monte a baixo, a qual vay sahir ao rio Tamega em hum sitio despenhado, aonde chamão o Furaco, o qual se vê somente quando o rio leva menos agua, e tera de comprimento esta estrada legua e meya; e dizem que deitando-se alguns animaes vivos foram sahir ao rio Tamega »¹. (Tomo I, pag. 656).

61. de Ayamonte (Alemtejo)

« Junto a esta Igreja fica hum alto chamado Ayamonte, nome que delle tomou a Freguesia, e dizem ser aqui antigamente habitação de Mouros. . . . ». (Tomo I, pag. 703).

62. De Ayre (Alvega, Estremadura)

« E assim he de saber, que onde hoje chamão Alvega, duas leguas de Abrantes ao Sul, o Tejo de permeyo, ha notaveis ruinas, e vestígios de huma populosa Cidade, pela qual passara a estrada real, que vay para Merida. Teria ella então quatro mil vizinhos, conforme o ambito dos muros, que a cingião, em parte argamassados, como mostrão suas ruinas, hoje esta reduzida a huma Aldea situada em campo plano, cercada de terras. . . . »

Acharão-se ja por vezes em seus contornos alicesses de sumptuosas casas, sepulchros, aqueductos, e canos de chumbo, galarias subterra-

¹ [Isto deve considerar-se como pura lenda, pois tenho ouvido contar o mesmo facto a respeito de varios castros.—J. L. DE V.]

neas adornadas de coloridas pedrinhas, como dados, à maneira de azulejos, com figuras e porticos de obra mosaica. E não se mete o arado em parte, que não tirem proveito os lavradores, descobrindo alli o tempo em nossos dias quantidade de moedas Romanas, assim de pedra, como de bronze, das quaes algumas nos vierão as mãos.

E ainda hoje estão em pé muitos pilares, sobre que estribava o famoso cano, por onde a agua vinha ter á Cidade, tirada com artificio de huma caudolosa ribeira que lhe ficava perto; não fallando de outra, que vem do alto buscar ao Tejo, na qual se achou no anno de 1659 huma famosa lamina de bronze muldurada, que está em nosso poder, a qual tem de comprimento dous palmos e meyo, e de alto mais de hum, com quatro buracos nos cantos dos pregos com que estava collocada em logar publico. De que consta claramente (sendo que algumas letras estão em parte gastadas) ser aqui a Cidade Aritiense, tão ventilada dos nossos antiquarios.

Como a dita lamina se achou no districto de Alvega, julgamos haver sido aqui esta famosa Cidade, a qual destruirão os barbaros (como outras muitas) quando senhorearão Hespanha, impondo á nova povoação o nome que hoje conserva de Alvega.» (Tomo I, pag. 704-706).

63. De Ayró (Serra de Entre-Douro-e-Minho)

«No oiteiro eminente à Paroquia de S. Jorge, estão uns penedos, a que chamão os Castellos.

«... Em hum oiteiro, ou padraço desta serra, conforme a vulgar tradição, houve hum *Castello*, ou Fortaleza em tempos antigos. Hoje se não vê naquelle sitio mais vestigios desta obra que huma planicie com circumvalação capaz e accomodada para ella, e cavando-se na terra se descobrem alguns tijolos, e na superficie da terra se está vendo huma pedra lavrada na parte superior ao picão, formando nella hum largo de nove, ou dez palmos em diametro. Ha poucos annos existia tambem no mesmo sitio hum penedo, no qual, em altura de dez ou doze palmos, estava feita ao picão huma concavidade, como meya laranja capaz de receber dentro em si um homem em pé; porem em nenhuma destas pedras se descobrem figuras, letras, ou inscripções antigas, ou modernas. Chama-se a este sitio o Crasto, dando ainda o seu nome alguma noticia da dita Fortaleza.» (Tomo I, pag. 711 e 712).

A. MESQUITA DE FIGUEIREDO.

¹ Vid. *Corp. Inscr. Lat.*, II, pag. 22, 172.